

CLÁSSICOS E KEYNESIANOS: PRIMEIROS PASSOS NO MUNDO DA MACROECONOMIA

Evandro Brandão Barbosa

evandrob@ibest.com.br

Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Brasil.

RESUMO: o estudo do pensamento dos economistas clássicos e de Keynes tende a apresentar complexidade àqueles que, sendo iniciantes no universo das Ciências Econômicas, deixam de realizar leituras sistematizadas sobre as Escolas Econômicas, porque pretendem compreender, por exemplo, as diferenças entre os clássicos e Keynes com simplicidade e generalização, sem prestar atenção aos detalhes das diferentes correntes de pensamento. As duas correntes de pensamento possuem características específicas, as quais devem ser estudadas detalhadamente para evitar incorreções na compreensão. Desse modo, somente as leituras sistematizadas, as discussões sobre o assunto e a compreensão do funcionamento da Economia antes e depois da queda da Bolsa de Nova Iorque, poderão deixar claras as verdadeiras diferenças entre o enunciado da Lei de Say: *a oferta cria a sua própria procura*, hipótese dos clássicos, e o estudo desenvolvido por Keynes, denominado Princípio da Demanda Efetiva. São aprendizagens que ajudam a compreender a dificuldade apresentada pelos Clássicos para resolver as dificuldades da Economia no processo de quebra da Bolsa de Nova Iorque, em 1929, bem como a importância da obra *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*, de autoria do economista inglês John Maynard Keynes, publicada em 1936.

PALAVRAS-CHAVE: Mão Invisível, Teoria Geral, Desemprego, Keynes.

RESUMEN: El estudio del pensamiento de los economistas clásicos y Keynes complejidad tiende a presentar a aquellos que son principiantes en el mundo de la economía, dejan de realizar lecturas sistemáticas sobre las Escuelas Económicas, porque quieren entender, por ejemplo, las diferencias entre lo clásico y Keynes con la simplicidad y la generalización, sin prestar atención a los detalles de las diferentes escuelas de pensamiento. Las dos escuelas de pensamiento tienen características específicas, que deberán ser estudiadas en detalle para evitar errores en la comprensión. Por lo tanto, sólo las lecturas sistemáticas, las discusiones sobre el tema, incluido el funcionamiento de la economía antes y después de la caída de la Bolsa de Valores de Nueva York, harán borrar las diferencias reales entre la declaración de la Ley de Say: la oferta crea su propia la demanda, la hipótesis clásica, y el estudio de Keynes llamado principio de la demanda efectiva. Están aprendiendo que ayudan a entender la dificultad de los clásicos para resolver las dificultades de la economía en el proceso de romper la bolsa de Nueva York en 1929, así como la importancia de la obra *La teoría general del empleo, el interés y el dinero*, por escrito el economista británico John Maynard Keynes, publicada en 1936.

PALABRAS CLAVE: Mano Invisible, Teoría General, desempleo, Keynes.

ABSTRACT: The study of the thought of the classical economists and Keynes tends to present complexity to those that are beginners in the world of economics cease to hold

readings systematized on Schools Economic, because they want to understand, for example, the differences between the classical and Keynes with simplicity and generalization, without paying attention to the details of the different schools of thought. The two schools of thought have specific characteristics, which should be studied in detail to avoid mistakes in understanding. Thus, only the readings systematized, discussions on the subject, including the operation of the economy before and after the fall of the New York Stock Exchange, will make clear the real differences between the statement of Say's Law: supply creates its own demand hypothesis of the classics, and the study by Keynes called Principle demand Effective. They are learning that help to understand the difficulty of the Classics to solve the difficulties of the economy in the process of breaking the New York Stock Exchange in 1929, as well as the importance of the work *The General Theory of Employment, Interest and Money*, written the British economist John Maynard Keynes, published in 1936.

KEYWORDS: Invisible Hand, General Theory, Unemployment, Keynes.

1. INTRODUÇÃO

A Teoria Clássica pressupõe a passividade da demanda. Para os economistas Clássicos, a oferta ou nível de produto é determinado (a) pelos fatores de produção existentes e o nível de conhecimento técnico para a utilização desses fatores. A demanda existe para atender ao nível de oferta, pois segundo a Lei de Say, *a oferta cria a sua própria procura*. Segundo o economista clássico Adam Smith, existe *uma mão invisível* responsável pelo equilíbrio da economia. Os clássicos pressupõem que os preços e os salários são flexíveis, a fim de compensar as diferenças entre a oferta e a demanda, o que significa o pleno emprego dos fatores de produção. Os clássicos não atribuíam à política monetária a capacidade de provocar alteração nas variáveis reais, como o produto, o nível de emprego, o salário real, os preços relativos etc.

Se para os Clássicos a demanda era passiva, para Keynes era a demanda que determinava a oferta ou o nível de produto e as quantidades de fatores a serem utilizadas. Além disso, Keynes redimensionou o estudo das Ciências Econômicas, redefinindo o campo de estudo da Microeconomia e da Macroeconomia. Enquanto os Clássicos defendiam o *Laissez-Faire* (deixai fazer, deixai acontecer), Keynes sugeriu a interferência do Governo na Economia, de modo bastante específico; quando houvesse funcionamento inadequado das relações entre os agentes econômicos. Keynes apontava as políticas fiscais compensatórias como instrumentos de correção do funcionamento da economia: aumento de tributos e diminuição da assistência social e do salário desemprego, quando o nível de emprego do fator trabalho estivesse elevado, e a ação inversa quando o nível de emprego do trabalho estivesse baixo.

O exposto nesta introdução deverá servir apenas como um incentivo aos iniciantes nos estudos das Ciências Econômicas, para pesquisar em diferentes bibliografias, as diversas análises sobre as duas teorias. E será desse aprofundamento no estudo dos Clássicos e de Keynes que os estudiosos de Economia poderão compreender os princípios da Macroeconomia, o funcionamento da Economia mundial antes e depois de 1929, quando houve a quebra da Bolsa de Nova Iorque.

2. DESENVOLVIMENTO

A abordagem do tema enunciado neste artigo não pretende aprofundamento teórico na caracterização das diferenças entre as teorias Clássica e Keynesiana, mas tem o objetivo de suscitar discussões e interesse específico sobre o assunto. Para dar cabo do objetivo preconizado, nos itens a seguir serão realizadas reflexões teóricas adequadas e introdutórias sobre as duas teorias.

2.1 Caracterização do Pensamento Clássico

Os estudos econômicos desenvolvidos até o ano de 1930, não indicavam preocupação por parte dos economistas ocidentais em estudar a economia como um todo, principalmente no que dizia respeito ao nível de emprego da economia, ou seja, em relação ao nível de utilização dos fatores de produção existentes. Pode-se atribuir tal comportamento à predominância do pensamento na época, entre aqueles economistas¹, de que um desemprego significativo na economia somente ocorreria temporariamente (VICECONTI, 2002, p. 293).

Segundo os economistas clássicos, havendo uma diferença entre a oferta e a demanda em um mercado, o preço nesse mercado tende a variar até atingir o equilíbrio entre a oferta e a demanda. Como exemplo, pode-se observar o mercado de trabalho: havendo um excesso de oferta de trabalhadores em relação à demanda por trabalhadores, o preço (salário) do trabalho cairia causando o equilíbrio entre a oferta e a demanda por trabalhadores.

Assim, no caso do mercado de trabalho, haverá uma queda no valor dos salários nominais, permitindo aos empresários elevarem a demanda por trabalhadores (contratação de trabalhadores), e, resultando em maior produção.

Para os Clássicos: 1. as forças de mercado tendem a equilibrar a economia a pleno emprego (utilização plena dos fatores de produção existentes na economia), sendo esse equilíbrio representado pela igualdade entre oferta e demanda. Além disso, os economistas clássicos supunham completa flexibilidade de preços e salários. 2. como o nível de atividade e de emprego está determinado automaticamente pelas forças de mercado (é o que o economista clássico Adam Smith² denominava mão invisível), então a quantidade de moeda existente na economia afeta apenas o nível geral de preços. Implica que as variáveis reais, como o produto, o nível de emprego, o salário real, os preços relativos etc, não são afetadas pela política monetária – esta determina as variáveis nominais, como preços e salário nominal: é a chamada dicotomia clássica, hipótese dos clássicos para explicar a neutralidade da moeda. 3. finalmente, o modelo clássico supõe que a demanda agregada não é um fator determinante do nível do produto; é válida a Lei de Say³: a oferta cria a sua própria procura (VASCONCELLOS, 2000, p. 88).

Quando houve a quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929, os clássicos não conseguiam explicar as causas, bem como não apresentaram uma política econômica que contivesse os instrumentos necessários para recolocar a economia mundial nos trilhos outra vez. A recessão e o desemprego tornaram-se persistentes nos países desenvolvidos no início dos anos 30 do século XX. Os economistas da época, inquietos, não foram capazes de lidar com aqueles imprevistos.

¹ Esses economistas foram denominados *economistas clássicos* por Keynes.

² Economista autor da obra *A Riqueza das Nações*, escrita em 1776.

³ Jean Baptiste Say, economista francês (1767-1832).

E, finalmente, qual é o papel da demanda agregada por produtos no modelo clássico? A oferta agregada, ou seja, as quantidades produzidas e o volume de serviços oferecidos são determinados pela quantidade e qualidade dos fatores de produção existentes, nível tecnológico, capacitação do capital humano e pela capacidade de administração dos empreendedores. Não é a demanda agregada que determina o nível de produtos e serviços da economia, mas sim as condições de oferta. A demanda apenas determina o nível de preços (VASCONCELLOS, 2000, p. 96-97).

2.2 As Fundamentações de Keynes

A década de 30 foi iniciada sob as idéias do economista inglês John Maynard Keynes (1883-1946). A sua obra *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*, publicada em 1936, pode ser considerada a mais importante obra de economia publicada no século XX, um marco decisivo para determinar a importância do conhecimento da macroeconomia, até então não detalhado pelos economistas clássicos (SICSÚ, 1999, p. 16).

Logo após a quebra da Bolsa de Nova Iorque, o nível crescente de desemprego chegou a 25% em 1933, e nem mesmo as pessoas que aceitavam salários menores não conseguiam uma vaga para trabalhar. Foi nesse cenário que as fundamentações da teoria de Keynes foram desenvolvidas e aplicadas na economia. Keynes desenvolveu o chamado Princípio da Demanda Efetiva como base para a determinação do produto e renda. Para esse economista, a Depressão daqueles anos era conseqüência da insuficiência de demanda agregada. E desse modo, as idéias de que a oferta agregada, as condições tecnológicas e o estoque dos fatores de produção determinavam o nível do produto – como queriam os clássicos –, deixam de ser importantes, pois o foco da análise agora é a demanda agregada. Keynes desenvolveu o Princípio da Demanda Efetiva e mostrou as limitações impostas pela demanda, mas não foi o único economista a fazer isto; o economista polonês Mikail Kalecki também chegou a conclusões semelhantes a Keynes, estudando o Princípio da Demanda Efetiva.

2.3 O Princípio da Demanda Efetiva, segundo Keynes

A tomada de decisão dos empresários em relação à quantidade a ser produzida e quantos trabalhadores empregar está baseada na quantidade que eles esperam vender. E assim, Keynes imagina a existência de duas curvas virtuais, com as quais os empresários se defrontam: a. curva de Oferta Agregada; e b. curva de Demanda Agregada.

A primeira curva representa a renda necessária para o empresário oferecer determinado volume de emprego; e na segunda curva, está a renda que o empresário espera receber por oferecer determinado volume de emprego (VASCONCELLOS, 2000, p. 114).

John Maynard Keynes explica que o nível de emprego é determinado no mercado de bens e serviços pelas expectativas dos empresários. E essas expectativas estão na demanda efetiva. O Princípio da Demanda Efetiva é uma contraposição frontal à Lei de Say e à hipótese da flexibilidade de preços e salários da teoria clássica.

Keynes também normatizou ou propôs o uso de políticas fiscais compensatórias, considerando-as mais eficientes do que os instrumentos monetários. O governo emprega as políticas expansionistas combinadas ao aumento do pagamento do seguro desemprego e maior assistência social, quando o nível de emprego está baixo, e, as políticas reducionistas associadas à diminuição do seguro desemprego e menor assistência social para o caso do elevado nível de emprego, ambas têm o objetivo de estabilizar o nível de emprego da

economia. Segundo Keynes, a economia não necessita do pleno emprego dos seus fatores para um funcionamento satisfatório, porque isso pode acontecer com um certo nível de desemprego, sem prejudicar os resultados da produção.

2.4 Um Reforço na Fundamentação Teórica

Os professores doutores em Economia, Gilberto Tadeu Lima, João Sicsú e Luís Fernando Rodrigues de Paula, organizaram a obra *Macroeconomia Moderna: Keynes e a Economia Contemporânea*⁴, cujo conteúdo é significativo para a aprendizagem do arcabouço teórico das Ciências Econômicas. Ainda no Prefácio dessa mesma obra, escrito pelo professor e ex-ministro do Planejamento do Brasil em 1985/87, João Sayad, há um conjunto de informações importantes, cujo conteúdo vale a pena transcrever a seguir, como forma de enriquecer o conteúdo deste artigo sobre Macroeconomia. Segundo Sayad (1999),

[...] no tempo das religiões, católicos, protestantes e muçulmanos nunca se entenderam. Cruzadas, guerras religiosas na Europa, Inquisição. Quanto mais próximas as religiões, mais violentos os conflitos e mais difícil o diálogo.

Hoje, o tempo do capitalismo é tempo de ecumenismo. Religiões são apenas pretextos para conflitos e guerras cruéis e sangrentas que resultam antes da pobreza ou interesses econômicos de grandes nações.

Economistas são os sacerdotes do capitalismo. À Economia, cabe a tarefa de explicar o inexplicável, o misterioso e o contraditório, como aos sacerdotes dos tempos da religião cabia a tarefa de explicar a divindade do monarca e as injustiças do mundo de Deus bom e onipotente.

Como mercados desorganizados coordenam produção e abastecimento da melhor forma possível? Como existe tanta miséria após tantos anos de crescimento, criatividade, fartura e desperdício?

Somos cientistas, temos campo comum de conhecimento, mas discutimos, apesar dos compromissos com a verdade dos cientistas e acadêmicos, como sacerdotes de seitas rivais.

Marxistas, keynesianos, clássicos, neoclássicos, novos-clássicos, novos-keynesianos, marxianos, as escolas se repetem entre gerações. Neos se transformaram em *novos*. Estamos num círculo de eterno retorno.

Não se diga que algum dia descobriremos a verdade. A verdade em economia será construída por nós mesmos tanto em doutrina como em realidade (p. 11).

Além de estar clara a responsabilidade social dos economistas, convém refletir sobre as diversas denominações para as diferentes linhas teóricas assumidas pelos economistas ao longo da história das Ciências Econômicas. As discordâncias e as adaptações das idéias vão sempre existir no campo das Ciências Econômicas. Essas ocorrências são verdadeiras também na prática das políticas econômicas, porque uma equipe econômica contém economistas de diferentes escolas econômicas, e tais ocorrências ou equívocos também ocorrem no meio acadêmico, entre professores e professores, alunos e alunos, professores e alunos.

Ao pensar positivamente sobre tais situações, nas quais os alunos identificam uma dissonância no ensino de uma mesma teoria econômica trazida por diferentes professores,

⁴ Esta obra consta da relação que integra o item Referências, no final do artigo.

deve-se compreender tal identificação como ponto positivo para os alunos, porque estão demonstrando atenção, interesse e conhecimentos sobre Economia e conhecimentos transversais. O que os alunos querem é apenas esclarecer qual é a linha de raciocínio verdadeira a ser analisada, para que os estudos sobre economia possam continuar sendo desenvolvidos. E isso é socialmente vantajoso.

Um estudante de Economia que participa de aulas com quatro ou cinco professores, em diferentes momentos, no mesmo dia, discutindo e analisando assuntos correlatos de economia, temas contíguos e tão necessários para uma compreensão mais exata sobre os conhecimentos de Economia, encontrará naturalmente pensamentos e idéias divergentes, estilos e metodologias de ensino diversificadas, mas não deverá acumular dúvidas sobre as teorias econômicas estudadas, caso haja divergências de fundamentação teórica. Antes, a aprendizagem das especificidades dos clássicos e da Teoria Keynesiana deve ser ratificada a cada nova aula, embora haja professores diferentes para disciplinas diferentes.

Apesar do árduo esforço realizado por John Maynard Keynes para superar as idéias econômicas dominantes à sua época, vários de seus enunciados teóricos e proposições políticas sofreram avaliações equivocadas que, via de regra, acabaram por aprisioná-las num castelo de arquitetura pré-keynesiana, exatamente o tipo de ambiente do qual ele procurou escapar após intensos embates. Na verdade, ele próprio estava consciente da possibilidade de ser vitimado por subversões dessa natureza. Conhecedor do campo minado onde estava plantando suas sementes inovadoras, Keynes fechou o prefácio à Teoria Geral,... [...] salientando as enormes dificuldades que envolvem a incorporação de novas idéias (LIMA, 1999, p. 15).

Os equívocos cometidos no passado quando da interpretação dos pensamentos de Keynes, pelo visto, continuam ocorrendo ainda nos dias atuais, principalmente entre aqueles que desprezam o aprofundamento teórico nas Ciências Econômicas. Por isso, é preciso estudar Macroeconomia com um nível de detalhe necessário ao correto entendimento de como funcionam as variáveis reais e nominais para os clássicos e para Keynes. Compreender o significado de instrumentos monetaristas e política fiscal compensatória; aprender que, segundo a Lei de Say, a oferta cria a sua própria procura, e essa hipótese pertence aos clássicos, os quais atribuíam o papel de passividade para a demanda agregada; os clássicos preconizavam a situação de pleno emprego dos fatores de produção para o equilíbrio entre a demanda agregada e a oferta agregada da economia. Porém, Keynes não via o pleno emprego como única condição de funcionamento eficiente da economia, ele admitia um determinado nível de desemprego, com o qual a economia poderia funcionar de modo produtivo. Keynes desenvolveu, também, o estudo do Princípio da Demanda Efetiva, no qual fica claro que a demanda determina a quantidade a ser produzida, bem como a quantidade de fatores de produção a ser utilizada nessa mesma produção.

Ao ler sobre as teorias clássicas e keynesiana, o leitor descobrirá que segundo os clássicos, havendo uma velocidade-renda da moeda constante, e dada uma oferta de moeda, têm-se uma relação inversa entre o nível de preços e o produto real da economia. Ou seja, quanto mais elevado o nível de preços, menor o estoque real de moeda, para satisfazer às transações, e, conseqüentemente, menor a quantidade de bens e serviços a ser demandada (VASCONCELLOS, 2000, p. 96). E, por outro lado, o leitor verificará como Keynes propôs a Teoria da Preferência pela Liquidez para explicar os fatores que determinam a taxa de juros da economia. E de acordo com esta teoria, a taxa de juros se ajusta para equilibrar a oferta e a demanda por moeda (MANKIWI, 1999, p. 715).

Segundo Leite (2000), no Capítulo 22 da obra de Keynes, *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda*,

[...] Keynes explica que as flutuações da atividade econômica são conseqüências de oscilações no investimento nacional causadas por alterações no diferencial entre a taxa de juros de mercado e o custo do capital (cf. Cassel). Entretanto, as alterações desse diferencial têm as seguintes causas:

- i. alterações da eficiência marginal do capital (função investimento) são causadas por mudanças nas expectativas dos empresários em relação à lucratividade dos investimentos (cf. Pigou) ou por variações no custo de reposição do capital;
- ii. alterações na taxa de juros de mercado devido a flutuações na preferência pela liquidez (demanda de moeda) ou na oferta de moeda (LEITE, 2000, p. 644-645).

Apenas para indicar um início de caminho para pesquisar as idéias de Keynes, convém observar o que escreveram os professores e economistas Gilberto Tadeu Lima, João Sicsú e Luís Fernando Rodrigues de Paula (1999):

[...] Tanto na *Teoria Geral*, como noutras incursões no tema, o célebre economista inglês destilou toda a sua insatisfação teórica com os cânones e pilares estabelecidos pela ciência econômica então oficial, mostrando que a chamada mão invisível do mercado é uma mera ficção, nada mais que uma quimera. Na *Teoria Geral*, como corolário, Keynes demonstrou de forma coerente e consistente que uma economia de mercado, quando deixada ao livre jogo de suas forças, é incapaz de alcançar, permanecer ou mesmo retornar à posição de pleno emprego. Daí, portanto, a política do *laissez faire* ter sido considerada inadequada como solução para os problemas econômicos e sociais, particularmente o desemprego. Nesse contexto, intervenções governamentais, sob a forma de políticas fiscais e monetárias ativas, seriam claramente necessárias. Ao longo de sua obra, Keynes não apenas construiu uma teoria alternativa procedente, como, inclusive, demonstrou que essa teoria, se traduzida adequadamente em termos de política econômica, seria capaz de conduzir o capitalismo ao seu sonho possível, ou seja, de uma sociedade sem desemprego e com uma justa distribuição de renda e da riqueza. Como ele próprio assinalou em seu artigo *The End of Laissez-Faire*: “De minha parte, acho que, sabiamente administrado, o capitalismo pode se tornar mais eficiente para atingir objetivos econômicos do que qualquer sistema alternativo conhecido, mas que, em si, ele é de várias maneiras sujeito a inúmeras objeções” (p. 17).

O investimento nacional é o somatório dos investimentos públicos e privados, sendo que os últimos se comportam de acordo com a taxa de juros de mercado e as expectativas dos empresários em relação ao retorno do próprio investimento. Quando os empresários têm a expectativa de redução de seus ganhos, tendem a reduzir seus investimentos, o que provoca flutuações nas atividades econômicas, como previu Keynes.

Uma pesquisa sobre os erros e acertos do capitalismo passa pelo desenvolvimento das idéias enunciadas na obra de Keynes. Questões como, por exemplo, por que o capitalismo ainda convive com o problema do desemprego? Por que a renda ainda continua concentrada no mundo capitalista? Por que o sistema financeiro é superior ao sistema produtivo das economias capitalistas? Será que as avaliações e as aplicações dos ensinamentos de Keynes têm sido utilizadas de forma equivocada pelos economistas?

Economistas como James Tobin, Paul Samuelson, Franco Modigliani e Robert Solow realizaram interpretações da obra de Keynes, e tais interpretações devem ser conhecidas através de leituras. Ao aprofundar-se nas suas pesquisas, os interessados descobrirão como o economista americano Milton Friedman se posicionou em relação às interpretações da Teoria Geral de Keynes.

Os pensamentos de Keynes e dos Clássicos podem até continuar provocando interpretações equivocadas de alguns leitores, mas certamente isto não acontecerá quando a Macroeconomia for estudada de forma sistematizada.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme explicitado no início deste artigo, a abordagem das características das idéias clássicas e das idéias de Keynes são apenas provocações aos iniciantes nos estudos da Economia. E, se as reflexões advindas dessa leitura suscitar o interesse em realizar outras leituras, o texto já terá atingido o seu objetivo.

As disciplinas que integram a grade curricular do Curso de Ciências Econômicas são estudadas pelos alunos ao longo de quatro ou cinco anos, possuem nomes variados, mas isto não deve ser compreendido como fragmentação. Tanto os professores quanto os alunos devem ter conhecimento do projeto pedagógico do Curso de Ciências Econômicas, para que saibam antecipadamente, como os estudos das disciplinas devem ser inter-relacionados a cada semestre do Curso, de modo a apreender a cada Período estudado os conhecimentos necessários ao acompanhamento das discussões e dos estudos das disciplinas previstas para a continuidade do Curso.

Especificamente no caso do estudo da Disciplina Teoria Macroeconômica, integrante do aqui denominado Núcleo Duro⁵ do Curso de Ciências Econômicas, necessita de uma aprendizagem multi e interdisciplinar, porque se refere à compreensão do funcionamento de toda a economia de um país e entre os países. Nos estudos de Macroeconomia estão os subsídios para a compreensão da Economia Internacional, do Desenvolvimento Socioeconômico, da Economia Monetária, da História do Pensamento Econômico etc; e, até mesmo voltando-se para uma contextualização regional, considerando-se a necessidade de desenvolver capacitação profissional de nível superior para atender às necessidades do mercado de trabalho da Amazônia, havendo uma disciplina denominada Introdução à Amazônia, os estudos desta não poderão estar dissociados dos conhecimentos da Teoria Macroeconômica.

Assim, a troca de conhecimentos entre a Macroeconomia e as outras disciplinas é uma via dupla; o conhecimento da Macroeconomia ajuda a compreender melhor e reforçar a aprendizagem das temáticas de outras disciplinas, bem como os conhecimentos das outras disciplinas reforçarão ou esclarecerão os conhecimentos discutidos durante os estudos de Macroeconomia.

⁵ Grupo que contém as principais disciplinas responsáveis pela profissionalização dos economistas

As idéias discutidas neste texto representam uma parcela muito pequena diante das temáticas que integram os estudos da Macroeconomia, mas são idéias importantes para a aprendizagem do funcionamento do Sistema Econômico.

Finalmente, sem fechar a questão sobre a necessidade de o aluno de Ciências Econômicas aprender Macroeconomia de forma consistente, o objetivo deste texto, conforme anunciado anteriormente, é suscitar discussões e interesse específico sobre a Macroeconomia, tendo a compreensão dos fundamentos da Teoria Clássica e da Teoria Keynesiana como condição prioritária para a aprendizagem do conteúdo programático da Disciplina Macroeconomia.

4. REFERÊNCIAS

- LEITE, José Alfredo A. *Macroeconomia: Teoria, Modelos e Instrumentos de Política Econômica*. 2ª. ed. ver. e atual. São Paulo: Atlas, 2000.
- LOPES, Luiz Martins. LOPES, Marco Antonio Sandoval de. (Orgs.). *Manual de Macroeconomia: nível básico e intermediário*. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- LIMA, Gilberto Tadeu. SICSÚ, João. PAULA, Luiz Fernando de. (Orgs.). *Macroeconomia Moderna: Keynes e a Economia Contemporânea*. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- MANKIW, N. Gregory. *Introdução à Economia: Princípios de Micro e Macroeconomia*. Tradução de Maria José Cyhlar Monteiro. Rio de Janeiro: Campus, 1999.
- VASCONCELLOS, Marco Antonio Sandoval de. LOPES, Luiz Martins. (Organizadores.). *Manual de Macroeconomia: Básico e Intermediário*. 2ª. ed., São Paulo: Atlas, 2000.
- VICECONTI, Paulo Eduardo V. NEVES, Silvério das. *Introdução à Economia*. 5ª. Ed. São Paulo: Frase, 2002.

5. LEITURAS SUGERIDAS

- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SEABRA, Izabel Cristina Nogueira. SOUZA, Ana Maria Oliveira de. *Comércio Exterior e o Balanço Internacional de Pagamentos*. Manaus: Valer, 2004.
- TORRES, M. *Operacionalidade da Política Econômica e Formação da Taxa de Juros*. In: Costa, F. N., Economia monetária e financeira: uma abordagem pluralista, cap. 10. São Paulo: Makron Books, 1999.